

A TRÍADE USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS – ENSINO DE QUÍMICA – PROMOÇÃO DA SAÚDE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

THE TRIAD RATIONAL USE OF DRUGS - CHEMISTRY TEACHING - HEALTH PROMOTION: A PROPOSAL FOR HEALTH EDUCATION

Aline Souza de Camargo¹, Patrícia Fernandes Lootens Machado²

¹Secretaria de Estado da Educação - GO, alinesouzadecamargo@gmail.com

²Universidade de Brasília - UnB/PPGEC, plootens@unb.br

RESUMO

Esse trabalho surgiu como fruto da preocupação com o nível de medicalização de nossos alunos, que não diferem da estatística nacional timidamente divulgada. Por isso, esse artigo tem por objetivo apresentar concepções e discussões sobre a temática medicação e sobre alguns aspectos relacionados à utilização não racional de medicamentos, realizadas em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública da rede estadual de Goiânia – GO. As atividades foram desenvolvidas dentro de um projeto de ensino, para subsidiar a posterior elaboração de estratégias que agregassem aspectos químicos, biológicos e históricos, mesclando com questões de cunho tecnológico, social, ambiental, político e econômicas para propiciar discussões e reflexões que colaborassem para promoção da saúde. O uso não racional de medicamentos é uma temática que deve ser discutida nas salas de aula tendo como apoio conhecimentos de Ciências, por exemplo, numa perspectiva de promover Educação para a Saúde.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Uso Racional de Medicamento; Promoção da Saúde; Educação para a Saúde.

ABSTRACT

This work emerged as a result of our concern about the level of medicalization of our students, which does not differ from the national statistics, that has been poorly publicized. Therefore, this paper presents conceptions and discussions about the medication and some aspects related to the non-rational use of medicines. The investigation was conducted with 3rd year students of high school in a public state school in Goiânia - GO. Those activities were conducted as a part of a teaching project to support the further development of strategies that add Chemical, Biological and Historical contents, and merge issues of technological, social, environmental, political and economic nature. The goal was to encourage discussions and reflections that collaborate to promote health. The non-rational use of medicines is a necessary issue to be discussed in class and can be supported by science knowledge, in order to promote Health Education.

Key words: Science Education; Rational Use of Drugs; Health Promotion; Health Education.

INTRODUÇÃO

Na idade média, ao proferir a frase “a diferença entre remédio e veneno está apenas na dose”, Paracelso já mostrava preocupação com o uso não racional de substâncias para curar determinados males. O consumo excessivo de medicamentos,

para aliviar os sintomas ou curar algum tipo de doença, pode acarretar efeitos adversos, como reações alérgicas, dependência, resistência, envenenamento, complicações hepáticas e hematológicas. E segundo Santos (2012), pode também mascarar uma determinada doença já existente, causar interações medicamentosas, minimizar temporariamente os sintomas e, até mesmo, agravar a doença, tornando-a crônica.

A utilização não racional de medicamentos é prática comum na sociedade brasileira e tem acarretado preocupações relacionadas a sérios problemas de saúde pública. Isso fica evidente pela divulgação de altos índices de intoxicação fornecidos pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - SINITOX, que registrou mais de 29.181 casos de intoxicação humana por medicamentos no ano de 2011 no Brasil, representando quase 30% dos casos registrados (BRASIL, 2011).

Tal problemática leva-nos a refletir sobre a ineficiência das abordagens quanto ao uso de medicamentos junto à sociedade brasileira. Segundo Lefevre e Lefevre (2007), os órgãos responsáveis pela saúde, em nosso país, não têm conseguido dar conta da diversidade de problemas existentes nessa área, necessitando de articulações intersetoriais para dar melhor suporte aos indivíduos. As ações que surgem dessa conjuntura subsidiam a Promoção da Saúde, envolvendo múltiplos aspectos (político, econômico, social e ambiental) e contribuem para manter a saúde da população (ROCHA; SCHALL; LEMOS, 2010).

Outros autores também apresentam ideias similares quanto à Promoção da Saúde, como Sícoli e Nascimento (2003):

Intimamente relacionada à vigilância, à saúde e a um movimento de crítica à medicalização do setor, a promoção de saúde supõe uma concepção que não restrinja a saúde à ausência de doença, mas que seja capaz de atuar sobre seus determinantes. Incidindo sobre as condições de vida da população, extrapola a prestação de serviços clínico-assistenciais, supondo ações intersetoriais que envolvam a educação, o saneamento básico, a habitação, a renda, o trabalho, a alimentação, o meio ambiente, o acesso a bens e serviços essenciais, o lazer, entre outros determinantes sociais da saúde. (p. 102).

Nesse sentido, deslumbramos a Promoção da Saúde conciliada a uma abordagem educativa que tenha ações que permitam incorporar boas práticas ao cotidiano das pessoas, efetivando, assim, a educação como uma forma de intervenção que se pode praticar em todo o mundo. Com isso, depreendemos que o movimento Promoção da Saúde envolve diversos atores e fatores e, para efetivá-lo, devem-se considerar diferentes aspectos, pois esse movimento se apresenta como uma interferência intersetorial, que pretende compreender a saúde e a doença, sob a

perspectiva de um novo modo de se obter saúde (BRASIL, 2002). Isso pode ocorrer quando um conjunto de intervenções busca eliminar permanentemente a doença, atingindo as causas mais básicas, tanto individuais como coletivamente (LEFEVRE; LEVEFRE, 2007).

Em sendo assim, consideramos que as instituições de ensino podem ser um espaço propício para discussões sobre a tríade Uso Racional de Medicamentos – Ensino de Química – Promoção da Saúde, na perspectiva de agregar saberes científicos aos conhecimentos advindos da tradição cultural no que diz respeito ao uso de remédios/medicamentos. Além disso, na escola, é necessário desenvolver a capacidade crítica de relacionar o conhecimento científico com as aplicações tecnológicas e suas implicações sociais, ambientais, políticas e econômicas, visto que esta pode ser caracterizada como um sistema aberto que carrega de forma intrínseca, a ideia de um centro cultural que interliga a comunidade escolar e a comunidade geral (RODRÍGUEZ, 2007).

Analisando esses aspectos, percebe-se que as instituições de Ensino Básico podem inserir no currículo atividades com objetivos de promover a saúde como processo de capacitação e de fortalecimento (*empowerment*) das comunidades institucionais para melhorar as condições de saúde (PELICIONI; PELICIONI, 2007), desde que as diferentes formas de conhecimento estejam associadas. Essa comunidade, por sua vez, torna-se multiplicadora dos conhecimentos científicos, sem, no entanto, desconsiderar os saberes populares, que foram precursores de diversas pesquisas científicas.

Ao que parece, a abordagem de questões de saúde na escola não vem alcançando resultados desejados, pelo menos no que diz respeito ao uso racional de medicamentos e ao desenvolvimento de atitudes críticas-reflexivas por parte dos alunos.

Sob essa ótica, percebe-se que, por meio da Ciência Química, a abordagem de conceitos científicos, contextualizada pela temática medicação de maneira interdisciplinar, possibilita dar significação e desperta o interesse dos alunos pelo estudo das Ciências e suas inter-relações, contribuindo para que se tornem autônomos, reflexivos, críticos e conscientes na realização de escolhas para uma vida saudável. Isso está de acordo com o que Paulo Freire (2005) entende por uma educação problematizadora, que tem como perspectiva a percepção crítica da “realidade problema” (p. 97) pelo aluno e o reconhecimento da necessidade de mudança.

De acordo com Silveira e Pereira (2007), a escola será uma instituição promotora de saúde quando atuar de forma conjunta nas áreas que irão propiciar um ambiente saudável, ofertando serviços de saúde e de educação em saúde. Todavia, percebemos que grande parte das escolas não assume esse papel, mesmo tendo elevado potencial. Vale ressaltar que instituições educacionais também são responsáveis por discutir e promover ações de saúde. Na perspectiva de se promover a saúde, surge o conceito de Escola Promotora de Saúde, proposto pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) para estimular modos de vida mais saudáveis em toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, Lefevre e Lefevre (2007) defendem que a Saúde faça parte do planejamento e das ações da escola, com a participação dos sujeitos que constituem sua comunidade, incluindo-se a parceria com a vizinhança, os pais ou responsáveis pelos alunos. Dessa forma, a escola deve deixar de lado a visão reducionista de saúde e ampliar a discussão, levando em consideração que se trata a saúde não somente com remédios e ou medicamentos. É preciso que a escola compreenda como componentes essenciais para o estabelecimento de condições favoráveis à boa saúde aspectos como: moradia, alimentação, trabalho, lazer, ambiente equilibrado, disponibilidade e qualidade dos serviços de saúde e, sobretudo, as relações harmoniosas entre os sujeitos.

Sendo assim, a Educação para a Saúde se apresenta como uma área que possibilita discussões sobre diversos aspectos envolvidos no processo saúde/doença, dentre eles os “ambientais (ajustamento ao ambiente) e os sócio-ecológicos (comprometimento com a igualdade social e com a preservação da natureza)” (SCHALL; STRUCHINER, 1999).

Depreendemos, então, que uma possível mudança dos problemas relacionados ao Ensino de Química, estabelecidos atualmente na escola, pode estar no uso da contextualização, associado a abordagens interdisciplinares, utilizando-se de temas transversais, como a temática Medicação.

No entanto, faz-se necessário compreender que ao longo da história da civilização, o ser humano lida com o estado de saúde ou de doença conforme sua compreensão de mundo, por isso, diversas teorias foram delineadas sobre o processo saúde-doença. Há consenso, entre estudiosos dessa área, de que cada indivíduo atribui significados diferentes aos conceitos de saúde e doença, dependendo do meio e das circunstâncias a que está submetido. Nesse sentido, Scliar (2007) descreve que o “conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural” (p. 30).

Isso significa que esses conceitos podem variar dependendo da época, do lugar, da classe social, dos valores individuais, dos conhecimentos e das crenças, enfim, dos aspectos histórico-culturais que nos constituem.

A partir disso, delineamos uma pergunta que norteou esta pesquisa: Quais as concepções prévias sobre saúde e doença apresentadas pelo grupo de alunos do 3º ano do ensino médio para nos auxiliar na elaboração de estratégias de ensino que contemplassem temas relacionados ao modo de vida mais saudável?

Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo apresentar algumas concepções e discussões sobre a temática medicação e sobre alguns aspectos relacionados à utilização não racional de medicamentos, realizadas com alunos de 3º ano do Ensino Médio.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa apresentada é de caráter qualitativo e quantitativo, contendo como aporte os princípios do Estudo de Caso, baseado em Yin (2009) e em André (2005). O instrumento utilizado para coletar informações nessa investigação, foi o *diário de aula*, que são “anotações reunidas na forma de diário” (YIN, 2010, p. 147) e que, segundo Zabalza (2007), apresenta uma riqueza informativa que se pode “contrastar tanto o objetivo-descritivo quanto o reflexivo-pessoal, além de uma sistematicidade das observações recolhidas, possibilitando analisar a evolução dos fatos” (p. 16). Também utilizamos *questionários* para interrogar os indivíduos participantes por meio de uma série de perguntas que, nessa pesquisa, estavam relacionadas ao tema Medicação.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública da cidade de Goiânia – GO, no primeiro semestre de 2013. Foram aplicadas três atividades para alunos do terceiro ano do Ensino Médio. A turma pesquisada era constituída por 40 alunos, porém a presença dos estudantes ficava em torno de 33 alunos no decorrer das aulas, e a faixa etária deles era entre 15 e 20 anos de idade.

Utilizamos como atividade inicial um questionário aberto com o intuito de conhecer as concepções prévias dos alunos sobre os conceitos de saúde e de doença. Essas concepções prévias, segundo Mendes e Cardoso (2009) “são os conhecimentos ou as representações construídas pelos indivíduos de uma sociedade” (p. 2). Portanto, tal atividade contribui na compreensão da leitura de mundo que esses alunos apresentam no que diz respeito à temática.

A segunda atividade realizada foi a leitura coletiva do texto *A História da Saúde*, elaborado como parte da estratégia que adotamos, com o objetivo de auxiliar os alunos na compreensão da história da saúde pelo mundo e suas diferentes concepções de acordo com a época e a sociedade. Esse texto também foi pensado para propiciar debates acerca das diferentes concepções do processo saúde/doença e, assim, os alunos poderiam perceber se suas concepções se assemelhavam ou se diferenciavam com as apresentadas pelo texto. Foi dado ao texto propositalmente um caráter interdisciplinar, ressaltando aspectos históricos, religiosos, filosóficos e científicos nas discussões propostas. Mesmo que tenha sido produzido para uma aula de Química, ele poderia ser igualmente utilizado em outras matérias para explorar diferentes vertentes dessa temática. Ao final desse texto, apresentamos duas questões para identificar os diferentes tipos de concepções sobre Saúde e Doença que os alunos apresentam.

Após essa atividade, ocorreram algumas discussões em sala sobre a história da saúde no Brasil, hábitos que levam a um estado de vida saudável e as concepções apresentadas por outras pessoas sobre o processo saúde/doença. Fato decorrente de uma entrevista que os alunos realizaram para conhecer as concepções sobre saúde/doença apresentadas por profissionais da saúde, jovens e idosos, objetivando trazer novos olhares sobre as diferentes concepções existentes, visto que as concepções são um produto histórico, ações coletivas que representam uma constante tensão entre o tradicional e o novo (MARINHO; TAUCHEN; SILVA, 2012).

Por último, trabalhamos o texto *Medicamentos*, também elaborado como parte da estratégia didática, objetivando auxiliar os alunos a diferenciar remédio de medicamento. Nele, buscamos resgatar a importância da medicina popular para as práticas de promoção da saúde, com o intuito de fornecer ‘instrumentos’ que os auxiliassem na utilização do conhecimento apreendido na escola em associação aos saberes de nossa cultura para nortear suas escolhas de medicação, na busca de uma vida mais saudável.

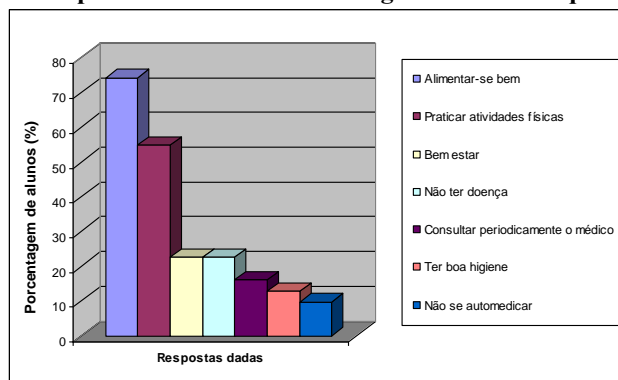
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio dos dados coletados, procuramos observar se as estratégias de ensino foram capazes de promover nos alunos ações responsáveis consigo e com o meio onde estão inseridos, de modo que os levassem a refletir sobre questões envolvendo a saúde. Objetivamos também despertar esses alunos para as relações entre os conhecimentos científicos e os saberes populares vivenciados no dia a dia, que contribuem para o

desenvolvimento da promoção da saúde, não deixando de lado as implicações ambientais, sociais, políticas e econômicas, que a temática Medicação permite.

Diante do exposto, os dados obtidos na análise das respostas ao questionário sobre as concepções prévias dos alunos acerca do processo saúde/doença, nos possibilitaram uma visão geral de como pensam esses processos. O total de alunos respondentes a essa atividade foi de 31. Na questão referente ao conceito que atribuem à saúde, observamos que 74,2% a relacionaram com uma boa alimentação e 54,8% afirmaram que a atividade física contribui para se ter saúde. Outras respostas relevantes podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1 – Respostas dadas pelos alunos ao serem indagados sobre “O que é ter saúde?”.



Uma parcela significativa dos participantes citou atitudes preventivas para se ter saúde, estando elas relacionadas com boa higiene, ingestão abundante de água, bem estar (físico, emocional e psicológico) além de visitas periódicas ao médico. Isso vai ao encontro da definição apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que se refere “à saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”. Essas respostas nos remetem à percepção que eles têm da saúde, sendo esta ligada à ideia de totalidade do indivíduo, como descreve Almeida Filho (2000).

A seguir, apresentamos as respostas mais representativas dos alunos sobre “Para você, o que é saúde?”. Ressaltamos que nessa atividade não pedimos identificação dos alunos para dar mais liberdade à forma de se expressarem e, com isso, obter respostas mais completas.

“Ter saúde significa bem estar físico, mental e social. Físico – práticas esportivas e alongamentos; Mental – dormir; Social – fazer amizades.”

“Ter saúde se trata de uma pessoa que está saudável com a saúde em dias, ou seja, a alimentação adequada é primordial, mas não é só na parte alimentícia que a saúde se enquadra, a higiene pessoal também é sinal de saúde e deve ser praticada constantemente. Os

exercícios físicos, a alimentação adequada, e higiene contribuem totalmente para uma boa saúde.”

De modo geral, percebemos que a maioria dos pesquisados apresentou concepção de saúde relacionada ao bem estar físico, emocional, com práticas de higiene e de consultas médicas, que são conceitos importantes quando se trata de Promoção da Saúde, estabelecendo um modelo de atenção à saúde integral (PELICIONI; PELICIONI, 2007).

No entanto, um pequeno grupo de alunos (20%) afirmou que para ter saúde não se deve ter doença e isso representa o antagonismo existente entre os conceitos de saúde e de doença. Por último, um grupo de 8% dos alunos relacionou a saúde com o uso racional de medicamentos, explicitando a automedicação como fator que contribui para não se ter saúde.

A questão subsequente, indagava sobre a concepção que esses alunos atribuíam ao ‘estar doente’ e 35,5% afirmaram que a doença está ligada à fraqueza física, enquanto 19,4% a relacionam apenas com aspectos emocionais; somente 6,4% associaram mal estar com o somatório dos estados físico, mental e social. Os demais, 45,1%, deram respostas vagas e sem justificativas, como por exemplo: “não estar bem”; “passando mal”; “quando a pessoa fica doente”; “quando estão com alguma dor” e, até citaram, “complicações no corpo”. Esses dados demonstraram a dificuldade que os alunos apresentaram para definir o conceito de doença, nos remetendo às concepções propostas pela promoção da saúde, em que não se deve restringir a saúde à ausência de doença, mas que haja ações sobre seus determinantes, como afirmam Sícoli e Nascimento (2003). Dessa forma, percebemos que, em muitas respostas, eles atribuem o favorecimento da doença à má alimentação, à falta de atividades físicas e de higiene.

A partir desses dados, pode-se dizer que os alunos estabelecem uma relação muito próxima entre saúde e doença, indicando que a ausência de saúde gera o estado doente, sendo isso influenciado pelo estilo de vida das pessoas que não se cuidam físico, emocional e psicologicamente. Transcrevemos a seguir, as respostas que exemplificam essas concepções.

“É quando existe algum tipo de complicação no organismo. O que favorece o adoecimento é a falta de bem-estar, já que o estilo de vida interfere na saúde.”

“Estar doente é quando nosso corpo está tendo algo errado em seu funcionamento. Várias coisas favorecem o adoecimento: exemplo quando é algo como a gripe, causado por friagem etc. ou algo psicológico como depressão.”

“Está doente é pessoas que sempre está estressado, que não procuram tirar um tempo para se cuidar, ir ao médico fazer um check up. Nos dias de hoje o tempo é muito corrido e todos estão

muitos estressados. Na correria do dia a dia não param para comer, tem pessoas que já não sabem nem o gosto da comida que se alimenta.”

A última citação revela a preocupação do aluno sobre o estilo de vida da sociedade contemporânea, que atua, a seu ver, como um fator de adoecimento, e que de alguma forma encontra relação com o que Scliar (2007, p.30) defende, visto que para ele o conceito de saúde/doença “reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural” pela qual a população vem passando.

Essas questões foram retomadas com os alunos ao longo de outras atividades, pois consideramos importante a ideia de compartilhar tais concepções no sentido de favorecer o desenvolvimento de posicionamentos críticos e de responsabilização do conjunto de atores envolvidos na busca pelo “perfeito bem-estar físico, mental e social”.

A segunda atividade foi aplicada a 31 alunos, e referia-se ao texto *A História da Saúde*, que abordou a história com visões de saúde mais antigas e as mais modernas e as diferentes concepções de saúde ao longo dos anos em diversas sociedades. Após leitura coletiva do texto, questionamos aos alunos se conseguiriam identificar concepções diferentes sobre saúde e doença e apenas oito (8) o fizeram corretamente, destacando as concepções mais antigas, como as doenças derivadas de elementos sobrenaturais, além daquelas resultantes da raiva divina como punição pecados. Acreditamos que estas tenham sobressaído por serem distante das atuais concepções dos alunos.

A questão subsequente investigou sobre a relação das concepções atuais dos alunos com as que foram apresentadas no texto. Somente duas alunas apresentaram uma visão holística sobre concepção de saúde e doença, e pontuaram os aspectos envolvidos nesse processo e que estavam presente no texto de apoio *A História da Saúde*. Em relação ao estado de doença de uma pessoa, elas falaram da influência sanitária, dos produtos químicos (medicamentos) e da má alimentação. Quanto à saúde, os aspectos citados referem-se às boas condições físicas, psicológicas e econômicas. Outros três alunos deram uma resposta vaga, indicando apenas que têm muito a aprender e os demais alunos deixaram em branco essa questão. A baixa porcentagem de alunos respondentes pode estar relacionada ao fato de o texto ser longo, denso e carregado de conteúdo histórico. Tais aspectos podem ter dificultado o desenvolvimento da atividade.

Outra estratégia utilizada para analisar a compreensão dos alunos sobre esta temática estava relacionada com o texto *Medicamentos*, no qual diferenciamos as concepções sobre remédios e medicamentos e resgatamos a importância da medicina

popular para as práticas de promoção da saúde. Essa atividade foi respondida por 27 alunos e a primeira questão se referia ao uso de remédios. Entendemos que “Remédio é todo e qualquer tipo de cuidado utilizado para curar ou aliviar doenças, sintomas, desconforto e mal-estar, inclusive os medicamentos.” (BRASIL, 2010).

As respostas indicaram que grande parte dos alunos, 85,2%, faz uso de remédios. No entanto, ao serem perguntados em qual situação consomem remédios, quase todas as respostas subscreviam nomes de medicamentos. Entendemos que culturalmente esses termos são usados como sinônimo em nosso país. E esse hábito foi explicitado nas respostas dos estudantes, que não conseguiram fazer distinção entre os conceitos, mesmo após a leitura do texto e as discussões em sala.

Outra pergunta questionava sobre como eles ficaram conhecendo os medicamentos que consumiam. Percebemos que a maioria, 48,1% dos alunos, indicou amigos e parentes como informantes desses medicamentos e outra parcela, 33,3%, disse que souberam dos medicamentos por meio de médicos e ainda constatamos que um grupo, de 18,5% dos respondentes, se informa sobre quais medicamentos utilizar por meio dos farmacêuticos.

A porcentagem elevada, obtida no primeiro dado, reafirma a necessidade de se trabalhar a temática Medicação com os alunos, alertando-os sobre o risco do uso inadequado dos mesmos, e estimulando mudanças desse hábito, tanto individual quanto no seio familiar e comunitário.

TECENDO CONSIDERAÇÕES

Os textos trabalhados objetivaram despertar o interesse dos alunos pela temática medicação associada com contextos em que estão imersos. Após a leitura dos textos, a estratégia mais utilizada nessa pesquisa foram os debates em sala a partir da resposta dos questionários. O uso de medicamentos é uma temática inserida na vida de todos e pensá-la coletivamente poderia nos favorecer individualmente.

A elaboração cuidadosa dos textos buscou combater a fragmentação do conhecimento, aspecto defendido por Sá e Silva (2005). Ainda sobre isso, ressaltamos que nossa proposta procurou trabalhar a interdisciplinaridade e a contextualização que são conceitos norteadores da doutrina do currículo que sustenta a proposta de organização e tratamento dos conteúdos, ideia preconizada na LDB (BRASIL, 1996).

A respeito das concepções saúde/doença, percebemos que os alunos carregam consigo uma concepção mais holística, visto que suas colocações apontaram para a

contribuição dos fatores psicológico, econômico, ambiental e político. Tais respostas mostraram uma aproximação da definição apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que se refere à saúde ligada ao bem-estar físico, mental e social. Percebemos que os alunos se posicionam mais criticamente em relação à responsabilização dos atores e aspectos envolvidos nesse processo, mostrando-se mais conscientes do papel que exercem em nossa sociedade.

Ao investigarmos como a problemática acerca do processo do uso não racional de medicamentos tinha sido tratada por esse grupo de alunos até então, percebemos que muitos nunca tinham refletido sobre o assunto, mas as discussões os fizeram compreender os problemas desencadeados no processo de automedicação. Nesse sentido, nosso projeto despertou o interesse e promoveu reflexões sobre tal prática, mudando inclusive a forma de expressar-se de alguns alunos. Desse modo, podemos concluir que tais atividades propostas sobre a tríade uso racional de medicamentos – ensino de química – promoção da saúde cumpriram a intenção inicial de nos auxiliar em sala de aula, abordando estratégias de ensino que contemplassem temas relacionados ao modo de vida mais saudável, e assim, propiciando a promoção da saúde nesse grupo de alunos.

Pela relevância da temática e pelo conhecimento dos alunos apresentado nos dados, acreditamos que tal proposta deve ser trabalhada durante todo o ano letivo, permeando e se entrelaçando ao currículo escolar e que várias outras possibilidades podem se agregar a essa estratégia, no intuito de ampliar tais discussões e disseminar a promoção da saúde. Isso nos impulsionou a elaborar aulas relacionando os conteúdos de Química Orgânica com o tema medicação. A principal estratégia utilizada foram atividades experimentais demonstrativo-investigativas que serão alvo de análise em outro trabalho. A partir dessas atividades esperamos abrir espaço para se discutir um assunto intrinsecamente relacionado a nossas vidas e tão pouco conhecido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. Qual o sentido do termo Saúde? **Revista Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 300-301, abr./jun. 2000.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005, 70p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Documento para Discussão. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2002. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_prom_saude.pdf>. Acesso em 22 março 2012.

_____. O que devemos saber sobre medicamentos. Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2010, 104p. Disponível em <<http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/d1eBd3804745871090afd43fbc4c6735/Cartilha+o+que+devemos+saber+sobre+medicamenTos.pdf?MOD=AJPERES>>. Acesso em 15 outubro 2012.

_____. SINITOX. Registros de Intoxicação. Tabela 9. Casos Registrados de Intoxicação Humana, de Intoxicação Animal e de Solicitação de Informação por Agente Tóxico. Brasil, 2014. Disponível em <http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/media/Tabela%209.pdf>. Acesso em 4 fevereiro 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Promoção de saúde: a negação da negação**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.

MARINHO, J. C. B.; TAUCHEN, G.; SILVA, J. A. A percepção paradigmática sobre Saúde presente nos trabalhos desenvolvidos com a temática Educação em Saúde na escola. In: Anais do III Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente da UFF. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.ensinosaudeambiente.com.br/eneciencias/anaisiiieneciencias/trabalhos/T6.pdf>>. Acesso 7 janeiro 2014.

MENDES, H. M. A.; CARDOSO, S. P. Análise das concepções prévias dos alunos do 1º Ano do Ensino Médio da rede pública acerca do meio ambiente e saúde. In: Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis, 2009. Disponível em <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1050.pdf>>. Acesso em 3 fevereiro 2014.

PELICIONI, M. C. F.; PELICIONI, A. F. Educação e promoção da saúde: uma retrospectiva histórica. **Revista O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 320-328, 2007.

ROCHA, V.; SCHALL, V. T.; LEMOS, E. S. A contribuição de um museu de ciências na formação de concepções sobre saúde de jovens visitantes. **Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, v.14, n.32, p.183-196, 2010.

RODRÍGUEZ, C. A. C. Estrategia metodológica para desarrollar la promoción de la salud en las escuelas cubanas. **Revista Cubana Salud Pública**, v. 33. n. 2, p. 1-15, 2007.

SÁ, H. C. A.; SILVA, R. R. A interdisciplinaridade e a educação. In: Anais do XIV ECODEQ - Encontro Centro-Oeste de Debates sobre o Ensino de Química, 2005, Cuiabá-MT.

SANTOS, J. Consumo excessivo de medicamentos, um problema de saúde pública. **Revista RET-SUS** (Rede de Escolas Técnicas do SUS). Ano VII, n. 55, agosto/setembro, p. 6-9, 2012.

SCHALL, V. T., STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Revista Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, editorial, 1999.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SÍCOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. R. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Revista Interface – Comunicação, saúde e educação**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 101-122, fev. 2003.

SILVEIRA, G. T.; PEREIRA, I. M. T. B. **Escolas promotoras de saúde ou escolas promotoras de aprendizagem/educação?** In: LEVEFRE, F. e LEVEFRE, A. M. C. **Promoção de saúde: a negação da negação**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Vieira & Lent, 2007, p. 119-132.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamentos e métodos**. Tradução Ana Thorell, revisão técnica Cláudio Damacena – 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2007.